

conceito darwiniano de evolução. Em síntese, a contemporaneidade parece se dividir entre o Gênesis do criacionismo bíblico e o evolucionismo de Charles Darwin descrito em *A Origem das Espécies* (1859).

Charles Darwin<sup>180</sup> exerceu um papel fundamental no pensamento freudiano. Juntos, Darwin, Freud e mais Copérnico formam a tríade que produziu os três golpes narcísicos para a natureza autocentrada da humanidade : o golpe cosmológico (Copérnico) com a ruptura da concepção geocêntrica, o golpe biológico (Darwin) com a ruptura da concepção antropocêntrica ao aproximar a descendência humana de outros animais mantendo maior estreiteza com umas e distanciamentos com outras<sup>181</sup>, e o golpe psicanalítico que é o narcísico propriamente dito com a ruptura da primazia da razão do eu da consciência<sup>182</sup> destituído pelo inconsciente.

Desde os *Estudos sobre a Histeria* (1895), Freud já mencionara a influência do texto sobre a Expressão das Emoções<sup>183</sup> em sua associação entre os efeitos somáticos e a linguagem. A relação que um histérico produz entre uma idéia emocionalmente simbolizada e seu correlativo somático encontra suas raízes fincadas no campo da experiência humana, em cuja origem possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Por exemplo<sup>184</sup>, quando alguém diz que "recebi um soco no estômago" para manifestar um efeito de contração diafragmática abrupto e dolorido e, apresenta, na

---

<sup>180</sup> NAT:Essas influências foram profundamente analisadas no livro de "A Influência de Darwin Sobre Freud" e por Strachey, J, na Introdução do texto "Inibição, Sintoma e Angústia"(1926[1925]) na SE.

<sup>181</sup> Artigo "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" (1917).

<sup>182</sup> "O ego não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente" (1917/2005:261)

<sup>183</sup> DARWIN, C.- *A expressão das emoções nos homens e nos animais* (1872/2000)

<sup>184</sup> NAT: Exemplos análogos a outras expressões descritas por Freud, tais como "apunhalado no coração" e "uma bofetada no rosto" (1895:193)

prática o que pode ter sido uma grande decepção, assim, está revivendo por meio da linguagem as sensações, às quais a expressão verbal deve sua justificativa.

Outra importante referência a Charles Darwin ocorre no texto sobre o esquecimento (1901) quando Freud (1912)<sup>185</sup> assinala a possibilidade de relacionar os modos de formação da tradição de um povo com as das lembranças de um indivíduo. A analogia estabelecida sugere que, na construção das lendas de um povo, encontra-se uma tendência a esquecer tudo o que resulta de penoso para o sentimento nacional. E foi Darwin que, segundo Freud, estabeleceu essa "regra de ouro" que trata da tendência de se esquecer o que é desprazeroso.

A concepção de que o tabu do incesto não é inato, faz com que Freud tenha que pensar em outras hipóteses para tentar explicar a função dessa lei universal que, em suas próprias palavras, é a fundante da cultura. Encontra uma resposta no mito da horda primeva<sup>186</sup> como constituinte da organização social, concepção também retirada do pensamento darwiniano. A expectativa de que, no futuro, com o avanço da química e da fisiologia, muitos sintomas psíquicos poderiam ser mais bem compreendidos, a idéia de que a compreensão do presente está fundada no passado, a hipótese de um princípio inorgânico fundante da vida, do papel dos conflitos<sup>187</sup> e da luta pela sobrevivência como inerentes ao humano fazem parte da herança darwiniana no pensamento freudiano<sup>188</sup>.

---

<sup>185</sup> adendo de 1912 ao texto de 1901, "A- *Esquecimento de impressões e conhecimento*", do capítulo VII da *Psicopatologia da Vida Cotidiana*.

<sup>186</sup> Artigo "O retorno do totemismo na infância, in *Totem e Tabu*" (1913[1912-13])

<sup>187</sup> NAT: Sobre os conflitos, Daniel Dennet afirma "Tentar casar duas idéias incompatíveis, as idéias de informação e significado, por um lado, e as idéias de tensão e pressão, por outro...ele tem esse casamento impossível de conversa de significado, intenção, intencionalidade, com empurrar e puxar, pressão e tensão....Parte do gênio de Freud foi dar-se conta de que você precisa juntar essas coisas, porque elas são

## Totem e Tabu

No entanto, no artigo Totem e Tabu<sup>189</sup>, Freud apresenta sua construção sobre o mito do surgimento da civilização. Baseado principalmente em diversos estudos antropológicos, articula uma analogia entre a mentalidade dos povos primitivos e aquela dos neuróticos da sociedade moderna, em questão, as que ele já conhecia<sup>190</sup>.

Desde 1897<sup>191</sup>, Freud já concebia a idéia de mitos endopsíquicos, projetando para o *exterior, o futuro e o além-mundo* (1987/1986:287) aquilo que é uma produção psíquica do próprio indivíduo. Contudo, levaria algum tempo para ver articulada essa compreensão.

No prólogo da edição em hebraico (1930), Freud descreve uma das questões mais importantes e enigmáticas da psicanálise que trata dessa transmissão originária e inconsciente que se busca discutir nesse capítulo. Até o fim de sua vida, admitiria não compreender o que, em seu próprio psiquismo, deveria ser a sua própria essência, o fato de ser judeu, mesmo ignorando a linguagem sagrada da sua religião e dos ideais

---

inseparáveis. Alguns pensamentos são mais difíceis de pensar do que outros, não porque contêm mais informação, mas porque machucam. Alguns pensamentos são agradáveis de pensar, não porque tenham em si menos componentes, ou porque sejam de um tipo diferente de estrutura de dados, ou porque são mais prontamente acessíveis. São mais fáceis de pensar, ou mais difíceis de pensar porque há pressões. Há forças que empurram as coisas de um lado para o outro na mente, impedindo-as de movimentarem-se da maneira que você gostaria de que se movimentassem. É preciso ter no fim uma teoria que incorpore essas forças em todos os níveis profundos de teoria"(1995 in KAYSER, W. 1995:79).

<sup>189</sup> Acrescido ao título original -" *Alguns pontos de concordância entre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos*" (EA(1913-14)/2005:1).

<sup>190</sup>NAT: Importante ressaltar que, nesta data, Freud já havia estado nos Estados Unidos e mantinha uma rede de pesquisa e informações com diversos estudiosos da psicanálise em vários países europeus.

<sup>191</sup> Carta 78 para Fliess

nacionalistas. Como uma identificação inconsciente, o mistério dessa essência talvez somente seja possível desvendando as origens da fantasia originária.

Uma das questões principais que Freud tenta responder é como se transmite de uma geração para outra os seus estados psíquicos. Não bastam as explicações centradas sobre a comunicação e a tradição, pois há algo de muito mais profundo que se incorpora e que não se encontra no dito. Como um inter-dito presume que essa transmissão é da ordem do inconsciente. Mesmo que uma geração tente esconder algo de seus processos psíquicos, o conhecimento até então adquirido sobre o funcionamento do inconsciente demonstra a capacidade - também inconsciente - de interpretar as reações, as defesas, os costumes, cerimoniais e dogmas recebidos por meio dos afetos. Na origem dessas expressões, encontra-se a relação originária com o pai. O pai da horda primitiva. O totem e o tabu merecem uma breve descrição, para que se possa dar continuidade à construção do mito freudiano.

Partindo do princípio que a interdição do incesto é universal e encontra-se presente em todas as sociedades humanas, Freud analisa a função do totem nos primórdios das organizações sociais. O totem é o antepassado comum e o espírito protetor de um clã e pode ser representado, em geral, por um elemento da natureza que mantenha alguma forma de relação com todos os membros do clã. O totem de um clã não pode ser destruído pelos seus membros sendo considerado como algo sagrado e que merece ser sempre reverenciado. Um animal, por exemplo, pode ser o representante de um totem. Nesse caso, este se mantém protegido por todos os membros do clã que, por sua vez o elegem como o seu protetor. Logo, uma lei fundamental do totemismo é a de que se

torna eminentemente proibido matar um totem. Nos princípios do totemismo, encontra-se a exogamia que impede o casamento entre as pessoas de um mesmo totem; essa interdição ao incesto tão primitiva é severamente punida por aqueles que infringem essa lei. Trata-se de uma equivalência a transgredir a lei totêmica e colocando em risco todas as crenças depositadas sobre a função do totem: a proteção e a punição para aqueles que desobedeçam às regras. Para que a lei seja tão rigorosa, é necessário que a força que move os indivíduos a transgredi-la seja muito poderosa. E essa força é o amor primitivo que o menino tem por sua mãe e, em certos casos, por sua irmã. Esse investimento é universal e submetido ao recalque. A interdição ao incesto já presente na origem das organizações sociais antigas reencontra-se na constituição do psiquismo individual.

O tabu é considerado "como o código de leis não escrito mais antigo do homem" (Wundt apud Freud (EA1913-14/2005:27) e anterior a qualquer concepção religiosa. Uma das suas principais características é a quase impossibilidade de compreender sua significação representativa de um temor a algo que receba o estatuto de proibido dentro da cada cultura. O indivíduo que transgredir um tabu, transforma-se ele próprio em tabu também. Uma das principais analogias dos princípios que regulam o tabu e o funcionamento psíquico é o fato de a coisa proibida ser considerada como tal, sem que dela possa ser possível compreender sua causa. Essa crença em algo que não encontra substrato em fundamentos materiais dão suporte a sustentar idéias sobrenaturais, tais como a existência de espíritos e fantasmas.

A fantasia originária dos povos fundamenta-se no tabu como uma herança destituída de explicação física sustentando-se numa transmissão de experiências inibidoras de certos

comportamentos e criadores de outros mais cerimoniais. Ambos comportamentos vinculam-se à proibição e às práticas expiatórias para se protegerem da leis que foram transgredidas. A descrição do funcionamento psíquico dos povos primitivos em relação ao tabu encontra analogia com o *modus operandi* da neurose obsessiva que poderia ser designada como "doença do tabu".

Articulando tabu e neurose obsessiva, Freud estabelece importantes contribuições para o entendimento de ambas e abre um importante foco para tentar desvendar o mistério desse originário que trata de um estatuto de fantasia<sup>192</sup>.

Dentre os pontos mais significativos, podemos destacar a característica de que, em ambas, as proibições são incompreensíveis e enigmáticas quanto a sua origem. A certeza da punição encontra-se internalizada não necessitando de encontrar justificativas externas, ou seja, a convicção de que uma transgressão vai gerar uma desgraça encontra-se incorporada, psiquicamente falando. Observam-se práticas expiatórias, tais como certos rituais particulares, para poder se libertar das sanções. E dentre as principais transgressões, destaca-se o que é encontrado em seus núcleos: uma fobia de contato. Contato concebido em sua dimensão mais ampla possível, não restrita ao contato físico e vinculada às variadas aproximações que um indivíduo pode realizar diante de certo objeto proibido, inclusive pela própria atividade de pensamento. Uma das principais ameaças a entrar em "contato" é a punição de transformar-se, a si próprio, em tabu e, conseqüentemente, ser rejeitado/evitado pelos outros.

---

<sup>192</sup>NAT: interpretação deste autor

Entretanto a neurose obsessiva pode encontrar uma saída expiatória para livrar-se da punição e o seu caminho passa pelos atos obsessivos, medidas defensivas e ordens obsessivas funcionando como penitência e purificação pelo contato proibitivo. Esse conflito é constituído na mais tenra infância, quando a criança é reprimida em seus atos de entrar em contato com..., em tocar. A repressão não anula esse desejo, mas o impele para o inconsciente gerando um conflito permanente entre o impulso e a sua proibição. Uma ambivalência que projeta sobre o objeto que deseja e que, por estar interdito, também é detestado. Freud afirma que o objeto do gozo encontra seu prazer no inconsciente, enquanto a proibição é expressamente consciente. O prazer do contato, que não cessa de insistir é inconsciente, e o indivíduo nada sabe sobre ele (EA1913-14/2005:37). Nessa batalha de forças psíquicas antagônicas, as obsessões surgem como uma tentativa de uma conciliação inconciliável, buscando encontrar descargas que possibilitem amenizar o sofrimento e diminuir a tensão pulsional.

O medo de violar o tabu é profundamente ameaçador e mais forte que o desejo. Desejo daquilo que mais gostariam de poder fazer: tocar<sup>193</sup> o objeto proibido. Assim se constituem como as mais antigas interdições-tabu aquelas leis que fundamentam o totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do sexo oposto do próprio clã totêmico. E ambas se apresentam no desejar infantil constituindo-se como núcleo da neurose.

---

<sup>193</sup>NAT:Tocar é uma analogia do autor da tese equivalente à abrangência que Freud estabelece para o termo contato.

Diferenciando tabu como instituição e criação social e a neurose, Freud aponta que, enquanto no tabu, a punição recai sobre quem o viola, nas neuroses geralmente é deslocado para outra pessoa, quando não recai sobre o próprio indivíduo. A importância do tabu na constituição da organização social repousa no fato de exercer um controle sobre as ações que se constituem como um fundamento básico de controle mútuo dentro do grupo. O sistema penal tem sua origem no tabu, pois aquele que viola as leis de uma determinada comunidade deve sofrer as sanções por sua transgressão. Trata-se de uma estratégia do grupo em punir o indivíduo que desrespeita o tabu. A medida punitiva cumpre o papel de manter sob controle os impulsos comuns a todos os membros da comunidade. Ambos, comunidade e criminoso são portadores dos mesmos impulsos transgressivos e por isso necessitam de legislações e punições como forma de não dissolver a ordem social. Nas neuroses obsessivas, a proibição tem sua origem na transgressão do contato de origem sexual, como é demonstrado pela psicanálise.

As neuroses e as instituições sociais são formas muito próximas ao funcionamento do psiquismo humano, sendo que as primeiras se constituem basicamente em fugir, por meio da fantasia, da realidade que lhe impede a livre expressão pulsional. Como mundo real, Freud designa a realidade instituída pelo grupo social com suas legislações. A neurose, como uma fantasia, é uma defesa que permite ao indivíduo negar, sob certos aspectos, essa realidade impositiva, criando por meios particulares sintomas que equivalem às instituições sociais, tais como a histeria sendo uma caricatura da arte, a neurose obsessiva da religião e o delírio paranóico de um sistema filosófico. Sob uma condição associal, esses sintomas são realizações individuais daquilo que no grupo é constituído sob forma coletiva. Pode-se resumir considerando que o indivíduo necessita



criar fantasias particulares que representam seu desejo para suportar a pressão das fantasias coletivas que significam um controle do funcionamento do grupo.

Em relação ao funcionamento psíquico outro mecanismo básico que se encontra tanto nas crenças dos povos primitivos quanto nos primórdios do pensamento infantil é o animismo. Do ponto de vista social o pensamento anímico funciona como a primeira cosmovisão que o homem constrói para compreender o funcionamento do mundo, em especial, buscar compreender as forças que agem em tudo aquilo que se denomina natureza, quer seja interna ou externa. Freud descreve uma seqüência nas formas que o pensamento vai tomando a partir da compreensão e do domínio gradual das leis que regulam o universo: o pensamento anímico, o religioso e o científico.

Um dos elementos que compõem o animismo é o pensamento mágico<sup>194</sup> que tem como função a proteção dos homens dos perigos naturais e de seus inimigos. Na sua origem, a magia funciona como um instrumento psíquico que visa, primordialmente, a ajudar no controle das forças incontroláveis e desconhecidas em função da proteção, da autopreservação. Freud credits essa força do pensamento mágico dos primeiros povos ao poder creditado aos seus desejos. Aquilo que funciona como magia é uma manifestação do desejo. Assim, observa-se no pensamento infantil essa mesma formação primária. O animismo constitui uma das bases sobre a qual se constrói o pensamento humano. No humano, a alucinação funciona como o processo mais primitivo do pensar e

---

<sup>194</sup> NAT: Uma observação sobre o funcionamento do pensamento mágico na criança é quando ela está jogando, e o adversário ganha a brincadeira. Quase sempre ela sugere: vamos trocar de cores ( ou de pinos, ou de lado etc) ? Sua compreensão sobre a capacidade de ganhar repousa nos atributos dos objetos e não do seu adversário.

tem sua continuação no plano do brincar, em que os indivíduos, por meio do faz-de-conta submetem as coisas ao seu desejo, via imitação com intento principal de obter satisfação.

As mudanças iniciais passam a ocorrer quando diante da realidade aquilo que é desejado não se realiza, em virtude das frustrações contingentes da vida, e as incertezas emergem como um elemento gerador de novas formas de lidar com o desejo e a realidade. Diante da resistência ou das dificuldades em aceitar ou compreender os limites impostos pela realidade, o pensamento é inflacionado como instrumento de retenção da satisfação e busca submeter a realidade às idéias. A esse processo de funcionamento psíquico denomina-se de "onipotência de pensamento".

Na organização da neurose obsessiva se pode observar a força que essa onipotência exerce na dinâmica do pensar, aproximando o seu processo mais primitivo aos limites da consciência. Assim acontece, também, com outras formas de neurose. Novamente, a fantasia cumpre sua função de construir uma realidade psíquica que não se confunda com a realidade objetiva vivenciada.

Como já apresentado no primeiro e segundo capítulos desta tese, a fantasia cumpre uma função imaginária defensiva e criativa, ao mesmo tempo, que não pode ser totalmente destituída de realidade. Realidade inconsciente.

Os atos obsessivos, assim, apresentam-se como um caráter mágico, cuja função está vinculada diretamente aos desejos inconscientes, tanto do que se busca como gratificação, quanto do que se almeja alcançar como proteção ou penitência.

Relacionando as fases do desenvolvimento infantil com as da cultura, Freud estabelece que o pensamento anímico está vinculado à onipotência de si mesmo. A segunda fase que é a religiosa, os desejos passam a ser projetados para os deuses como responsáveis pela gratificação, frustração e proteção. A terceira fase traz consigo a visão que relativiza a onipotência humana diante do desafio imposto pelo conhecimento científico. Mesmo no campo da ciência, observa-se em muitos casos a presença da onipotência da razão, tentando se impor à realidade como um resquício, por mais paradoxal que pareça, do pensamento animista.

A arte, novamente, toma um lugar onde a onipotência do pensamento pode exercer uma aproximação maior com a realização dos desejos. A ilusão produzida pela arte aproxima a emoção da realidade, o que gera a idéia da "magia da arte". Cumpre-se por meio da fantasia que a arte engendra a aproximação dos desejos inconscientes e a possibilidade de criar novas formas de ação e interferência tanto na realidade subjetiva (psíquica), quanto na realidade do grupo.

O mito da horda primitiva é elaborado a partir das idéias psicanalíticas sobre o totem, sua representação do pai e ambivalência dos membros de um clã em relação a ele, por um lado, e por outro com as teorias darwinianas sobre os primórdios da organização social. Segundo Freud, os filhos que foram expulsos por um pai que possuía todas as

mulheres da tribo se organizaram e assassinaram-no. Como um ritual canibalístico comeram o pai numa refeição totêmica com o significado de incorporar a força desse que era tão temido e invejado. Com a satisfação pela morte do pai que criava barreiras para a plena realização de seus desejos sexuais, também, veio a culpa e o remorso pelo ato cometido. O pai representava a ambivalência de amor e ódio que os filhos nutriam por ele. O pai, agora morto, tornou-se ainda mais forte e presente. Os irmãos vendo-se diante de uma forte rivalidade entre si no embate para poder ter todas as mulheres que quisessem, assim como era com o pai, decidem renunciar a esse desejo em detrimento de uma sobrevivência comunitária e instituem a lei do incesto.

O totem que é o primeiro representante do pai passa a ser, posteriormente, concebido como um deus que recebe aparência humana. E a religião se funda sobre a saudade do pai. Tal qual como concebido o mito cristão do pecado original, cada indivíduo já nasce submetido a esta herança arcaica como uma fantasia originária; o sentimento de culpa originário tem de ser expiado. A celebração totêmica da comunhão cristã reencena o ato culposos que lhe é muito anterior.

Uma das questões relevantes desta tese se coloca: como é então transmitido esse sentimento de uma geração para outra ? Como pode se constituir essa fantasia de culpa por algo que não se cometeu ? Como os processos psíquicos se estabelecem na continuidade das gerações ?

Freud sustenta que essa transmissão se exerce pela via do inconsciente de uma geração para outra pela via da emoção. A fantasia originária que traz inscrita o sentimento de

culpa inconsciente dos neuróticos trata-se de constituinte de uma realidade psíquica e não concreta. A fantasia neurótica provém de intenções e não de execuções. Intenções vivenciadas na infância por todos os tipos de impulsos, dentre eles os de profundo amor e ódio que foram submetidos à moralidade. A função histórica se inscreve nessa construção moral que é anterior ao indivíduo moderno; que foi fundada com aqueles cuja inibição moral não existia, quando, no início, não era o verbo, mas sim o ato, no período em que o princípio da realidade psíquica coincidiu com a concreta.

A civilização funda-se nas repressões das gerações passadas e as transmite às mais novas como estratégia de manter-se a si própria. Cada recém-nascido tem que se submeter às renúncias pulsionais. Os indivíduos constituem-se não somente sob a pressão experimentada em seu meio ambiente, mas também à influência sócio-histórica das gerações passadas. Freud reconhece uma herança recebida dos antepassados como algo originário. Nesse sentido, abre o espaço para a existência de uma fantasia que é originária.

De uma não aceitação inicial que os indivíduos pudessem vir ao mundo constituídos de uma fonte independente destrutiva, Freud vai revendo, pouco a pouco, essa concepção. Em 1914, já haveria de afirmar que os impulsos humanos não são nem bons, nem maus. O efeito de suas qualidades estaria diretamente relacionados às necessidades e às exigências da sociedade. Aquilo que, geralmente, é considerado como mau se refere a natureza primitiva como os impulsos egoísticos e cruéis (1914/2006:317/318). Alguns anos mais tarde, Freud reveria esses seus conceitos ao conceber duas pulsões originárias

que, em múltiplas combinações, se apresentam como heranças filogenéticas que se presentificam no psiquismo humano: a pulsão de vida e a de morte.

### **Fantasia, masoquismo e sadismo**

Diante dos desafios colocados pelos diferentes rumos que a agressividade pode tomar na constituição do psiquismo Freud estabeleceu as hipóteses da pulsão de vida e de morte como foi visto no segundo capítulo desta tese. Seguindo a reflexão das heranças filogenéticas, outras fantasias se constituem em esquemas que se configuram singularmente em função das experiências vividas por cada indivíduo.

As fantasias masoquistas e sádicas ganham estatuto de imanência na medida em que passam a se constituir como decorrentes de forças que se contrapõem ao princípio do prazer. As formas assumidas por estas fantasias se constituem primordialmente como uma questão de ordem econômica e pulsional. Diante do prazer provocado pelo aumento de tensão e do desprazer pela diminuição desta, contradizendo sua formulação sobre o princípio do prazer, Freud formula hipóteses nas quais reconhece a existência de não somente dois, mas três princípios: o de Nirvana ou da pulsão de morte que se coloca como uma força que estabelece complexas combinações (fusões e defusões) com a pulsão de vida ou o princípio do prazer e o princípio de realidade constituído pelo mundo externo. O princípio do prazer constitui-se como o guardião da vida como um

todo. Freud (1924)<sup>195</sup> estabelece a existência de três formas de masoquismo: o erógeno ou primário, o feminino e o moral.

O masoquismo erógeno ou primário é constituído pela ação da pulsão de morte que, se antecipando ao princípio do prazer, permanece como uma parcela fixada libidinalmente entre a dor e o prazer, enquanto a outra parcela pulsional se dirige ao mundo externo como sadismo vinculado à pulsão sexual ou como pulsão de apoderamento. O sadismo original como pulsão de morte, pode também ser compreendido como análogo ao masoquismo; no caso de sua investida no mundo externo não encontrar escoadouro pode retornar como reintrojeção sob a forma de um masoquismo secundário.

O masoquismo feminino é abordado inicialmente como uma posição passiva constituída pela submissão ao amor do pai<sup>196</sup> por meio da fantasia de espancamento. Ele é constituído em três tempos. No primeiro, revela-se que "o meu pai está batendo numa criança"<sup>197</sup> ao que Freud acrescenta "que eu odeio"; o segundo tempo é uma construção em análise na medida em que é inconsciente e revela "estou sendo espancada pelo meu pai". O terceiro tempo representa "provavelmente estou olhando". Considera-se o segundo tempo o mais importante por ser o revelador da fantasia de masoquismo vinculada à questão amorosa/pulsional. Essa fantasia é constituída pelas barreiras impostas à afeição da criança por seus pais diante das conseqüentes contingências que a vida produz durante seu processo de desenvolvimento. Necessariamente, uma criança

---

<sup>195</sup> Artigo " *O problema econômico do masoquismo*" (OP 1924/2007).

<sup>196</sup> Artigo " *Uma criança é espancada*" (SEB 1919/1976) - " *Pegan a um nino*" - " *Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*" (EA 1919/2006).

<sup>197</sup> NAT: Há uma diferença significativa entre a tradução da EA com a SEB. Na EA, aparece "El padre", enquanto na SEB o termo é "meu pai". Decidiu-se pela tradução da SEB.

não precisa ser espancada para sentir-se privada e rechaçada em função da sua demanda de amor. Diante do desmonte da onipotência infantil emerge um quantum pulsional que retorna sobre o indivíduo encoberto pela fantasia de ser humilhada, espancada, na medida em que a dor sentida é equivalente a esse desejo amoroso/libidinal. O texto desse segundo tempo pode ser retraduzido por "o meu pai não ama essa outra criança, ama apenas a mim". A origem dessas fantasias está vinculada a uma ligação amorosa com o pai. Centradas sobre a relação amor/ódio/rivalidade, a indagação fundamental encaminha para a questão: O que se quer de um pai ?

O masoquismo erógeno, com sua característica herdada, participa de todo o processo do desenvolvimento infantil constituindo diferentes fantasias. Freud destaca que o medo de ser devorado pelo pai (totem) tem sua origem na organização primitiva oral; o de ser espancado, na anal-sádica; as fantasias masoquistas de castração na fase fálica e a da submissão feminina (para ambos os sexos) na da organização genital. De todas as fantasias descritas até o presente momento, estas parecem ser as mais difíceis de serem compreendidas e aceitas. Contudo, pressupõe-se<sup>198</sup> que esta resistência deve-se a um dos conteúdos mais inconscientes na constituição do psiquismo e revela-se freqüente na clínica psicanalítica diária. Trata-se de uma tentativa de negar que haja tal prazer em sofrer por submissão ao que pode representar o amor paterno e o que este significa para o sujeito. Constituída sobre uma forte ferida narcísica, submete-se passivamente ao lugar fantasiado daquele que sofre com medo de perder esse amor.

---

<sup>198</sup>NAT: Comentário do autor da tese.



A terceira forma de masoquismo é constituída a partir da construção da noção de Supereu (1923)<sup>199</sup> ao qual denomina de masoquismo moral. Esta constituição é considerada como "um perfeito testemunho da existência de uma fusão pulsional" (OP 1924/2007:115), originando-se da pulsão de morte, sob a forma de destruição e de uma representação erótica que desenvolve uma atuação violenta das forças destrutivas voltadas para o si-mesmo, como uma clara expressão auto-destrutiva de satisfação libidinal. A expressão dessas forças que ocorrem no psiquismo é constituída basicamente por uma atuação sádica do Supereu sobre um masoquismo inconsciente do Eu. O Eu anseia pelo castigo proveniente do Supereu que se apresenta como um representante das influências exercidas pelo passado e pela tradição visando a constituir-se como uma consciência moral exacerbada, em virtude de uma necessidade de punição.

No desenvolvimento infantil, o Supereu cumpre ocupar esse lugar de consciência moral ativa que traz consigo as interdições e a idealização, pelo Eu, de um modelo a ser seguido. As interdições produzidas pelos pais são transferidas para outros atores da vida do indivíduo, tais como outros parentes, professores, autoridades e ideais constituídos socialmente. O meio exerce uma influência não somente reprodutora do modelo original, mas também constituinte de outros valores dessa consciência moral. Assim internalizados, Freud destaca a importância do efeito produzido por essa instância no psiquismo que, em geral, costuma-se denominar de poder do Destino. Essa queixa tão presente na clínica aponta para as dificuldades e resistências encontradas para que os indivíduos possam compreender que os problemas que julgam partir dos outros ou do destino, encontram-se internalizados dentro de cada um.

---

<sup>199</sup> Artigo "*O Eueo Id*" (OP 1923/2007).

No que tange às fantasias masoquistas inconscientes, não se pode excluir o conteúdo do desejo de ter uma relação passiva com o pai que substitui o de ser espancado como forma de expressar o sentimento inconsciente de culpa/necessidade de punição. A fantasia masoquista concorre para que o sujeito aja de forma transgressiva ao modelo primário, repetindo-a, com o intuito de ser castigado sadicamente pela ação "inadequada"<sup>200</sup>. O masoquista trabalha em oposição a si próprio aniquilando, nos casos mais graves, sua própria existência real<sup>201</sup> (1924/2007:114). O sadismo proveniente da própria pulsão destrutiva diminui sua ação em direção ao mundo externo e volta-se para o Eu. E, mesmo quando proveniente do exterior, se une ao Supereu e sua consciência moral para torturar mais ainda o Eu. Nesses casos, quanto mais um indivíduo tenta reagir diante das pressões do mundo, mais se torna suscetível de receber como retorno uma nova punição.

Com a análise das fantasias masoquistas e sádicas, estabeleceu-se um ponto de interrupção deste capítulo que buscou focar as idéias que se vinculam às hipóteses filogenéticas e ontogenéticas que acompanharam Freud até o fim de sua obra.

---

<sup>200</sup> NAT- Reafirma-se a pergunta fundamental: o que se quer de um pai ? Qual é o valor do castigo ? Pode-se responder como a busca da inclusão na ordem fálica, ser reconhecido pelo pai como seu herdeiro por identificação.

<sup>201</sup> NAT - aniquilar se refere tanto a sua posição de sujeito, quanto à sua própria vida, em casos extremos.

## 4 CONCLUSÃO

Nesta conclusão retorna-se ao tema principal da tese, sua pergunta e pressuposto.

### O tema

Sobre a origem e a função da fantasia constata-se que o termo é utilizado sob vários matizes semânticos, nos quais identificaram-se quatro direções principais que se decidiu designá-las como as da realização alucinatória, as constituintes da investigação sexual infantil, as da relação entre trauma e erogeneidade e aquelas que se caracterizam como os sonhos diurnos. O critério utilizado para estabelecê-las tentou aproximar o percurso da descoberta de Freud com o desenvolvimento da fantasia no psiquismo humano. Torna-se relevante afirmar que esta classificação emergiu ao longo da pesquisa e que, em função dos prazos rigorosos impostos para a entrega da tese, não oportunizou a inclusão de outras fantasias que, mesmo sendo descritas ao longo dos capítulos, não puderam ter sido detalhadas numa organização final, mas que continuarão a ser objetos da investigação deste autor após a apresentação do trabalho que aqui se concretiza. Neste grupo, estão as fantasias que sustentam os delírios individuais e coletivos (religiosos, políticos e os decorrentes das histerias coletivas, entre outros) e as fantasias de cunho eminentemente destrutivas.

Deve-se ressaltar, acima de tudo, que toda tentativa de classificação é sempre um recorte imperfeito da realidade interna e externa. Espera-se que o leitor compreenda que os critérios adotados se agrupam em torno de quatro eixos distintos, mas que não podem ser compreendidos como excludentes uns aos outros. Há algo que os une em seu conjunto, cumprindo uma finalidade fundamental da fantasia que se acredita seja a proteção do indivíduo diante da realidade ou do real, termo mais abrangente e, supõe-se, mais adequado a que Freud queria se referir diante da obscuridade da pulsão, até os seus últimos testemunhos no "Esboço de Psicanálise" (1940 [1938]).

### **Fantasia como realização alucinatória**

Sob o eixo das fantasias que se constituem como realização alucinatória do desejo, descrevem-se aquelas presentes nos pensamentos oníricos e a prototípica ontogenética da fantasia: a alucinação propriamente dita.

### **Fantasia, pensamentos oníricos e sonho**

Os processos oníricos e o sonhar são formas especiais de imaginação, contudo ambas se diferenciam pelo fato de o primeiro estar submetido ao processo primário, enquanto o sonhar já se trata de uma elaboração secundária.

Compreendidos sob o primado da segunda tópica, Freud<sup>202</sup> (1940[1938]) define "elaboração onírica" como o resultado da pressão exercida pelos conteúdos inconscientes do Id que, forçando uma passagem até o Eu, constituem-se como pré-conscientes. Diante da barreira imposta pelo Eu, esse material transforma-se numa deformação onírica.

Os sonhos, nas últimas formulações freudianas, emergem durante o sono que já poderia ser compreendido como produto pulsional de uma profantasia de nascimento, ou melhor dizendo, do retorno ao útero materno.

A memória dos sonhos possui uma dimensão muito maior do que a vida de vigília, utilizando-se de uma série de elementos lingüísticos, em sua grande parte desconhecidos por quem sonha como resíduos de estágios muito primitivos da infância. Os sonhos trazem lembranças que foram esquecidas ou recalcadas e, mais ainda, o material oriundo de uma herança arcaica, "antes de qualquer experiência própria, influenciada pelas experiências de seus antepassados"<sup>203</sup> ( EA 1940[1938] : 165). Os sonhos representam, assim, um resíduo da pré-história do homem, tal como as lendas e os costumes sobrevivem na filogênese.

A fantasia como realização alucinatória do desejo pode ser descrita como a primeira fantasia na ontogênese e o protótipo do pensamento humano. Sua constituição é possível por meio das primeiras experiências de satisfação do bebê frente ao encontro com o

---

<sup>202</sup> Capítulo V do Esboço de Psicanálise. Um exemplo: A Interpretação dos Sonhos.

<sup>203</sup>NAT: Relação filogênese e ontogênese que permanece até o último trabalho de Freud.

objeto externo e diante das exigências da pulsão. Ao buscar recatexizar a imagem mnêmica da satisfação convoca a percepção que havia sido constituída na experiência original por meio do desejo; se esta, porém, reaparece, constitui-se como realização do desejo. Contudo, diante do teste da realidade, outros caminhos têm de ser tomados pela pulsão. Uma dessas direções move-se para a atividade muscular corporal, donde buscará descarregar e obter satisfações possíveis. Outra parte retorna como sonho, por meio dos pensamentos oníricos, que se transformam em fantasias, buscando a realização de desejos.

### **Fantasia, trauma e erogeneidade**

Diante da clínica das histerias, Freud acreditava, inicialmente, que as lembranças de sedução que eram mencionadas durante o tratamento constituíam-se como causa precipitante na etiologia das neuroses. Assim, cria que a causa dos sintomas histéricos era de origem traumática, por uma cena realmente vivida de sedução na tenra infância e, muito provavelmente, pelo próprio pai. Com o decorrer da clínica começou a se questionar se essa cena primária teria realmente ocorrido. Se assim fosse, pensava, a perversão seria mais universal do que a neurose. Refletindo sobre a sua auto-análise e nos profundos diálogos nas cartas com Fliess, Freud chega à conclusão de que se tratam de fantasias, produtos de desejos reprimidos e não de cenas reais propriamente ditas. A fantasia substitui o trauma. No entanto, o trauma retornaria com toda a sua força pulsional, no período da elaboração de sua segunda tópica, quando reconsidera o papel que o trauma desempenha nas neuroses, em especial, nas neuroses traumáticas de guerra e nos traumas realmente vividos na infância. A fantasia cumpre uma função defensiva de

proteger o psiquismo da força do trauma, buscando enlaçá-lo, para que a intensidade de sua força possa ser amortecida. Quando a força dessa pressão é extremamente danosa ao psiquismo, as defesas mantêm essa lembrança no inconsciente e seu retorno, geralmente nos sonhos, apontam que o choque causado manteve-se fora do domínio do princípio do prazer. Mais tarde, Freud<sup>204</sup> (1933[1932]) retornaria ao princípio da sua teoria (1896)<sup>205</sup> ao admitir a existência de uma fantasia de sedução que se constitui na pré-história edípica que é a produzida pelos cuidados maternos ou das pessoas que cuidam do bebê. Em oposição ao papel do pai como o sedutor, na primeira teoria, aparece a mãe (ou sua representante) como o agente da sedução. Na precisão das palavras de Freud destaca-se : "Aqui, a fantasia toca o chão da realidade.." (EA 1933 [1932]: 121). Os cuidados maternos com o corpo do bebê criam uma erogeneidade muito peculiar a cada mãe, estimulando de múltiplas formas e despertando as sensações de prazer em cada criança. A qualidade e a quantidade desse diálogo tônico<sup>206</sup> travado entre mãe e filho criam um sustentáculo primitivo da consciência corporal, nesse lugar em que Freud diria que se constituiria um Eu, que, antes de tudo, é um Eu corporal. A sedução materna referente à forma erótica na feminilidade, tal como descrita na Conferência XXXIII, assume um lugar que se estende aos meninos também. Essa erogeneização do corpo do bebê é fundamental para a construção dos vínculos primários e fundantes do psiquismo. Certamente que essa satisfação por parte da mãe, pode ser exercida como excessiva ou faltante, o que sempre leva a diferentes marcas afetivas que incidem sobre cada sujeito. Particularmente, observa-se que, no excesso ou na falta, a

---

<sup>204</sup> Artigo "*Conferência XXXIII-A Feminilidade (Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise)*"

<sup>205</sup> Artigo "*Etiologia das Histerias*".

<sup>206</sup> NAT : "*Diálogo tônico* " é um termo cunhado por Henri Wallon para explicar a comunicação que existe entre mãe e bebê. Esse termo passou a ser utilizado no campo da psicomotricidade como referência para compreender essa fase do desenvolvimento infantil.

experiência de sedução materna primária é traumática, o que leva a reuni-las numa única articulação: a sedução traumática. A privação a que são submetidos muitos bebês abandonados, e/ou os maus-tratos recebidos por outros se constituem como impressões muito primitivas que afetam o sujeito em sua relação consigo mesmo e com os outros. Dependendo de outras contingências da vida, as defesas atuam como um suporte para a existência. Os rumos possíveis são imprevisíveis, podendo se constituir desde a decisão de abandonar (e abandonar-se) a capacidade de desejar, quanto decidir (inconscientemente? Isso sim constitui um mistério) pelo caminho da resiliência. Interrompe-se essa análise nessa passagem descrita por Freud, contudo, essa discussão apresenta muitos e complexos desmembramentos em outros autores, cuja importância, tanto do tema quanto dos autores, constituem-se um dos focos fundamentais na busca da compreensão do complexo psiquismo humano.

#### Fantasia como atividade psíquica: sintoma

Optou-se, nesta conclusão, por situar a fantasia e o sintoma sob três dimensões constituídas historicamente. A primeira surge na compreensão de que os sintomas e traumas dos histéricos remontam a ficções, a cenas fantasiadas<sup>207</sup>. No entanto, essas cenas não eram destituídas totalmente de realidade prática e se constituíam como realidade psíquica. Os sintomas histéricos são formações produzidas pelas fantasias inconscientes que se expressam por meio da conversão. As fantasias podem tanto ter sido sempre inconscientes, quanto tornadas como tais diante da ação do recalque. A vinculação com a vida sexual é de fundamental relevância, no sentido em que a fantasia

---

<sup>207</sup>Artigo "Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade" (1908).



inconsciente do adulto é idêntica àquela que lhe serviu de satisfação sexual durante o conjunto de condições reunidas sob o denominado período de masturbação. A fantasia auto-erótica e as seqüentes vinculadas à do amor e do desejo objetual recobrem diversos sintomas de acordo com as constituições e contingências singulares associadas (poder-se-ia dizer fixadas) à obtenção do prazer e a evitação do desprazer.

Num segundo momento, observa-se uma certa digressão nos caminhos tomados pelo desejo quanto aos sintomas e a fantasia. Freud<sup>208</sup> (1916) afirma que o sintoma é fruto de um conflito de forças dentro do psiquismo. As fantasias construídas em análise são - em sua maior parte - uma produção composta de verdades e falsificações. Certas vezes, os sintomas podem representar algo que realmente tenha sido experienciado, produzindo uma fixação da libido recoberta por uma fantasia. De uma forma geral, "as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material...no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva" (EA 1916-1917/2005:336). Mas, diante da tentativa de responder como a libido encontra formas de reencontrar estes pontos de fixação, retorna aos objetos e tendências ainda mantidos na fantasia. Porém, com o aumento da pressão produzida pelo armazenamento dessa libido e buscando realizar seus desejos, o Eu interfere reprimindo-as. Há uma retração para as origens da fantasia inconsciente que passa a ser chamado de "introversão" que se torna, assim, um processo intermediário para a formação dos sintomas. Freud dirá que um introvertido não é bem um neurótico, mas que, diante das forças conflitadas, poderá ainda encontrar esquadros para sua libido represada. Caso contrário, produzem-se sintomas. Está

---

<sup>208</sup> Artigo "Conferência XXIII das Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise: Os Caminhos da Formação dos Sintomas" (1916-1917)

estabelecida a dimensão econômica do psiquismo. O artista é o exemplo referenciado de introversão que pode realizar o encontro da fantasia com a realidade por meio da criação artística. O que entra em jogo na dinâmica do psiquismo é o que fazer com o excesso pulsional. Seria possível a sublimação responder a essa demanda libidinal ? Responder a esta questão torna-se a principal ocupação de Freud até o fim da sua obra: compreender esse obscuro objeto que é a pulsão.

Contudo, um terceiro momento parece distinguir-se dos dois primeiros, especialmente por romper a relação de continuidade entre a fantasia e o desejo. Trata-se do estatuto das fantasias descritas em "Bate-se numa Criança", e em especial no seu segundo tempo, cuja fantasia é uma construção em análise. Esta fantasia encontra-se fora do estatuto da neurose, pois se trata de uma fantasia masoquista.

Três formas de constituição do masoquismo (1924)<sup>209</sup> retomam o aspecto traumático sob a forma de um imperativo categórico, ao qual o sujeito se vê submetido. Descritos como erógeno ou primário, feminino e moral, são postulados como rumos que a pulsão agressiva assume em três momentos distintos do desenvolvimento. O primeiro é devido a um trauma por um excesso pulsional que retorna ao próprio corpo do sujeito, o segundo constitui-se como uma agressividade que postula um lugar de submissão do sujeito em relação ao amor do pai, numa união de amor e ódio, e o terceiro diz respeito à relação do Supereu com o Eu, mais particularmente nos casos em que a identificação superegógica é extremamente cruel com o Eu. Estas três formas de fantasias masoquistas

---

<sup>209</sup> Artigo "*O Problema Econômico do Masoquismo*" (1924)

estão presentes como os sintomas mais resistentes ao trabalho de análise, tendo que ser, muitas vezes, elaboradas a partir da construção do analista.

Em um de seus últimos textos, Freud<sup>210</sup> (1937) se pergunta se a fantasia que possibilita uma construção do analista não é equivalente ao delírio no sentido de ser faltosa da realidade. Construções efetuadas no tratamento analítico buscam, a partir de fragmentos de realidade, um sentido de explicação e de cura do sintoma pela recuperação de material da experiência perdida. Ao analista cabe enfrentar a tarefa de revelar as conexões entre o conteúdo que é rejeitado no presente e aquele do recalque original. A humanidade também construiu delírios que contradizem a realidade, mas que exercem um enorme poder sobre os homens. Em sua inacessibilidade à crítica lógica, a verdade histórica desse poder delirante tem sua origem no que é revelado a partir do recalque do passado esquecido e primevo. Novamente, se presentifica o poder da transmissão geracional.

#### Fantasias primordiais: filogênese e ontogênese

As fantasias primordiais se constituem como esquemas presentes no psiquismo humano cuja origem remonta à transmissão geracional, ou à filogênese, como Freud preferiu manter até o fim de seus escritos.

As denominadas fantasias primordiais são as da cena primária, da sedução, da castração e da vida intra-uterina. Sua importância é constatada como algo constitutivo e

---

<sup>210</sup> Artigo "Construções em Análise" (1937).

constituente da experiência humana pela sua universalidade e singularidade. Seus esquemas imaginários são recebidos por transmissão como uma herança de outras gerações.

O enigma da transmissão é que se torna causa de inúmeras discussões e de diferentes pontos de vista. Diante das diversas funções da fantasia, acredita-se que esta herança é produzida por uma via afetiva/pulsional inconsciente. Certamente, se inscreve pela interdição cultural que, por sua vez, remonta a um ato anteriormente vivido pelos antepassados ou, como Freud prefere dizer, pela pré-história humana.

Mas, qual a função essencial que faz com que estes esquemas imaginários, constituídos de afetos e de representações inconscientes, tenham de comparecer na constituição do psiquismo humano ?

A hipótese que se considera a mais significativa é a compreensão de que esses esquemas transmitidos dizem respeito às condições a que a humanidade, ao longo de sua história, teve de se submeter para sobreviver diante das adversidades da natureza, interna e externa, e das dificuldades impostas pela própria necessidade de conviver em comunidade. Em sua origem, as leis que regem a ordem social, também se encontravam vinculadas à sobrevivência do grupo. Talvez, por este motivo, possa estar sendo retransmitida, de geração a geração, o cerne da experiência primeira de desamparo (da humanidade) e as defesas organizadas em forma de esquemas primordiais.

Como articular a fantasia da cena primária sob esta ótica? A cena primária é uma ficção, mas uma ficção que está relacionada diretamente à questão da origem com que qualquer

ser humano se depara para poder compreender o "como" se está nesse mundo. Diz respeito a uma necessidade fundamental de se situar na existência. Arrisca-se a frase: "Sou! Como?". A cena de sedução é universal pois diz respeito ao funcionamento da pulsão e sua relação com os afetos, ou se preferirem ao amor e ao sexo. Alguém há de ocupar um lugar para ser investido dessa demanda pulsional de amor, como uma necessidade de amparo, de proteção e de acolhimento. Sob o manto da fantasia, constitui-se a imagem do objeto do amor e do desejo. A fantasia da castração, inicialmente vinculada à perda do pênis<sup>211</sup>, se amplia para uma perspectiva que coloca o sujeito diante das frustrações impostas pela realidade ao seu impulso que busca o prazer. A realização da fantasia do prazer tornada ação passa a ser interdita como impedimento, constituindo-se como uma fantasia de castração. O sujeito que, na sua busca de prazer, impõe ao outro sua satisfação, negando qualquer mecanismo de interdição, atua como um perverso. Contudo, parece que uma barreira sempre será produzida pela filogênese, para poder suprir aquilo que o meio não pode oferecer na ontogênese.

A fantasia da vida intra-uterina aparece em raros momentos da obra freudiana, mas tem uma importância significativa ao buscar respaldar a fantasia que acompanha a experiência de ansiedade que surge com o ato do nascimento. Este momento, em que um ser passa a respirar e a se deslocar em outro meio ambiente completamente diferente,

---

<sup>211</sup> NAT: Freud retomaria essa questão da perda do pênis como um fato real ocorrido nos primórdios da humanidade. O que era real transforma-se em fantasia.

tende a responder com todo o seu psiquismo<sup>212</sup> a essa mudança brusca. Esta experiência originária deixaria um traço mnêmico muito primitivo.

A investigação freudiana sobre as fantasias primordiais também pode ser acrescida de uma questão que intrigava Freud até o fim de sua vida e que se encontra na epígrafe desta tese em que ele mesmo se pergunta e responde :

"O que há de judeu em você, se não compartilhas as questões nacionalistas e religiosas de seus compatriotas? Acho que muito e, provavelmente, o principal. Porém, no presente, não poderia responder o que é esse essencial com palavras claras. Seguramente, no futuro alguma compreensão científica haverá de explicá-la" (EA 1930/2005:9)<sup>213</sup>

Diante desta indagação, poder-se-ia supor a existência de uma fantasia originária para além das primordiais, para explicar o que é essa essência, ou esta resposta teria explicação por meio das fantasias primordiais ?

#### Fantasia como lembranças encobridoras

As lembranças encobridoras sustentam uma série de fantasias que atuam como um véu para as impressões traumáticas da infância, por meio de um processo de deslocamento. Essas lembranças revelam a cena na qual o sujeito se vê, e esta visão denuncia aquilo que não pode ter acontecido, na medida em que é espectador, ator e diretor. Estas fantasias constituem-se como uma proteção diante da realidade por meio de uma construção ficcional e, nesse sentido, velam o conteúdo original. O recalque impede que

---

<sup>213</sup> *Prólogo a edição em hebraico de Totem e Tabu* (1913/1914).

a lembrança original de forte carga pulsional se manifesta e constrói outra por associação.

Pela via do esquecimento ou da retenção das lembranças mais remotas da infância se pode observar um tamponamento do que é traumático por uma via substitutiva que representa aquela recordação mais precoce possível de ser lembrada. O esquecimento encobre o que não pode ser lembrado. Lembra-se de uma cena para esquecer outra cena. O vínculo do que é encoberto e que não pode ser recordado pode encontrar referências na identificação de grupo no campo cultural por meio do simbolismo literário e religioso, por exemplo. O esquecimento está vinculado ao desprazer produzido pelo recalque. A lembrança que encobre o insuportável da recordação original atua como um mecanismo repetitivo diante da ameaça interna ou externa. Na medida em que não pode recordar o conflito original em virtude da representação da lembrança encobridora, o sujeito repete. Repete, atuando, porque está impedido de elaborar o insuportável da memória de desprazer. A ficção da cena, tanto individual, quanto coletiva, encobre aquilo que deve ser esquecido.

Parece-nos que ao final da obra freudiana, a fantasia que mais permanece é uma lembrança encobridora de algo que nunca existiu: a da castração feminina como um ficcional. Uma construção imaginária do desconhecimento da vagina por um limite cognitivo da investigação infantil e revestida das mais complexas "compreensões".

### **Fantasia como investigação sexual infantil**

Um dos usos do termo fantasia diz respeito à função que ela desempenha no esforço infantil para compreender o funcionamento do seu meio ambiente, dos outros e de si próprio. A criança busca compreender qual o seu lugar no mundo e necessita do apoio desse instrumento imaginário que lhe auxilia a construir uma teoria infantil sobre a sexualidade. A tentativa de responder para si mesma questões fundantes do psiquismo encontra nas teorias infantis fundadas sobre as fantasias a elaboração significativa que sustenta esse "estar" no mundo e, não raro, mantêm-se presente consciente ou inconscientemente no psiquismo adulto. Uma das funções do Eu é estabelecer um equilíbrio psíquico que possa elaborar a dúvida das origens. A fantasia que constitui a investigação infantil é o resultado da articulação entre os fragmentos da realidade experienciada pelo psiquismo e as incompreensões cognitivas desse funcionamento. A criança é um agente ativo e busca, por meio do surgimento das dúvidas, elaborar processos de construção do pensamento que vão se tornando cada vez mais complexos durante o seu desenvolvimento e das mudanças que é capaz de perceber em seu próprio corpo e no dos outros. Compreender é necessário para poder interagir e se situar nas relações com o meio físico e social.



Dentre as principais teorias infantis, destaca-se o pensamento mágico, animista e onipotente que, como já foi dito por Freud, são formas de organizar e compreender o funcionamento do mundo para poder controlá-lo e sentir-se mais seguro. Essas teorias primitivas que se constituem como fantasias, seguem a mesma trilha traçada pelas primeiras formas de funcionamento mental dos povos mais primitivos, trazendo consigo a dimensão do desamparo de se ver só no mundo<sup>214</sup>. Sob um olhar menos cuidadoso parecem desaparecer durante o desenvolvimento do psiquismo, em especial na vida adulta. Contudo, essas teorias são arcabouços do infantil no pensar consciente e inconsciente dos sujeitos ao longo de sua vida. Resíduos do pensamento mágico, animista e onipotente estão presentes como fantasias impregnantes dos sintomas neuróticos e constituem-se como resistências a ser removidas para a retificação do Eu, que é o mediador desses conflitos presentes nas instâncias e nas pulsões. No caso da persistência destas três formas de pensamentos descritas e baseadas nas teorias iniciais da investigação infantil - constituídas como fantasia - o adulto se depara com a tendência a uma fixação primitiva que se constitui como um dos pontos nodais dos sintomas neuróticos. Consideram-se sintomas o conjunto de sinais deflagrados como resultantes dos conflitos do psiquismo. Se, em um determinado ponto da obra freudiana, a manutenção dessa forma de fantasiar é considerada como uma introversão, inibição ou como o processo que sustenta o princípio do prazer diante da realidade, o autor desta tese compreende que todas estas nada mais são do que formas também sintomáticas e necessárias para dar suporte ao conflito inevitável da constituição do humano.

---

<sup>214</sup> NAT: Perceber que ser só é diferente de estar só.

Quanto aos conteúdos presentes nestas fantasias destacam-se aqueles que tentam explicar as teorias sexuais infantis; essas insistentes tentativas de compreender os enigmas da existência humana, a partir da percepção da precocidade de seu próprio corpo e da força das pulsões. A concepção da existência de uma sexualidade infantil ainda é uma das descobertas mais importantes da psicanálise. Constituindo-se em fantasias que buscam dar suporte a esse conflito das pulsões com o mundo externo e diante da precocidade e do desamparo infantil, a criança vai construindo por meio de seu mundo imaginário o seu Eu, as suas fixações, elege seus objetos de amor e temor e tenta dar uma ordenação para esses conflitos que se constituem como o cerne do psiquismo adulto.

Dentre algumas das teorias que se constituem como fantasias, cobrindo lacunas do real, destacam-se a tentativa de entender a diferença entre os sexos, a origem dos bebês e a mentira dos adultos sobre esses temas, por exemplo; e, mesmo que lhes seja dita a verdade, ainda lhes resta uma insuficiência da precocidade do próprio corpo, longe das compreensões da puberdade, quando então vai tornar possível a compreensão do papel que o esperma e os ciclos de menstruação desempenham nestas teorias, por meio do próprio corpo.

A denominada pulsão epistemofílica que se constitui como um dos destinos sublimatórios da pulsão canalizados para a investigação das origens e funcionamentos das coisas, tem seu principal marco no fracasso da compreensão do que lhe é incompreensível, tal como descrito acima, e é o que introduz o sujeito na latência. Dependendo das histórias de vida dos sujeitos, essa busca de saber pode ganhar

diferentes formas e intensidades, constituindo-se como uma das principais fontes infantis do que permanece no adolescente e no adulto, transformadas em pesquisa científica e desejo de saber. Acredita-se que esta busca de saber encontra-se vinculada a um quantum pulsional erótico vivido pela criança na sua mais tenra infância e que é o propulsor do que necessita ser escoado. O conhecimento científico é, em última análise, um produto da pulsão e um substituto da fantasia.

#### Fantasia como atividade psíquica: criação e arte

Destaca-se, no decorrer do pensamento freudiano, uma trilha já descrita em que a fantasia, inicialmente, está vinculada ao sintoma, depois ambos se dirigem a pólos opostos e, mais além, estão situados fora do campo da neurose. Nesse tão complexo percurso, não há como deixar de conceber que tanto fantasia quanto sintoma são criações singulares dentro de um universal colocado pelos esquemas das fantasias primordiais e por aquelas que escapam ao estatuto da neurose. O autor desta tese considera que o sintoma é uma criação quando colocado sob a forma de fantasia em cena ou nas fantasias que cercam a dúvida. Há de haver um autor para construir esses sintomas, mesmo que se considerem precárias as condições impostas ao sujeito, ou mesmo que não se veja qualquer ato criativo nessas fantasias. Cada sujeito traz consigo um saber do qual não tem conhecimento. Como um dos fundamentos da psicanálise, ele não sabe que sabe. Entretanto, parece haver um sintoma<sup>215</sup> originário de cunho masoquista que está excluído desta possibilidade criativa, porque está inscrito sem palavras, como um lugar ocupado em virtude de um imperativo categórico que se impõe:

---

<sup>215</sup> NAT: A escolha do termo sintoma neste contexto é uma interpretação do autor da tese.

"Tu és!" . Essa fantasia, que já foi descrita no terceiro capítulo, merece apenas ter ressaltado, nesta análise conclusiva, que a sua criação é um produto de análise. A capacidade de fantasiar do analista é fundamental para produzir essa construção em análise. Esse é um lugar em que o analista se defronta com a sua própria capacidade de criar, de juntar fragmentos e produzir uma ficção que se destine à constituição de um sentido para o sujeito, contando com o esforço do próprio em superar as mais fortes, profundas e incompreensíveis resistências. A psicanálise é um exercício de criação e arte. Um analista sem estilo próprio é equivalente a repetir sem elaborar. Repete o que recorda porque não ousou confrontar seus próprios conflitos. A elaboração é o verdadeiro processo criativo e tanto diz respeito ao analisando quanto ao analista.

Os caminhos da criação não podem ser reduzidos aos trabalhos dos grandes artistas, embora se reconheça neles a capacidade de reenviar, por meio da arte, o que há de mais profundo e inconsciente do psiquismo humano. Quantos tratados e artigos seriam necessários para traduzir o impacto causado por Fernando Pessoa para descrever os vários Eus que nos povoam, tanto nas suas poesias, quanto no exercício da sua heteronomia; ou mesmo a poesia de Chico Buarque de Holanda ao descrever "O que será que me dá ? Que me queima por dentro, que me perturba o sono, que não tem sossego, que todos os suores me vem encharcar, o que não tem medida, nem nunca terá...que dá dentro de gente que não devia...o que não tem descanso, nem cansaço, nem limite; o que não tem vergonha, nem juízo ?". Pode-se pensar numa definição mais preciosa da força da pulsão, seus efeitos e a busca quase desesperada de um sentido ? A arte permite o compartilhar da fantasia por tocar no intocável do inconsciente.

O que pode ser expandido da obra freudiana é esse conceito de arte muito restrito aos artistas e as chamada "obras de arte" . Considera-se que o caminho da arte é muito maior, mas amplo e diversificado. Não precisa ser um grande artista para direcionar aquilo que se constitui como um fluxo criativo . E quem é esse principal depositário: o Id ou o Eu (que nasce do ID) . Essa resposta sobre o lugar deste reservatório da libido não fica clara na segunda tópica. É possível a criação irromper como matéria bruta sem a participação do Eu ? Quanta capacidade criativa é necessária para o Eu encontrar formas de mediar os conflitos do Supereu, do Id, e até do próprio Eu? E mesmo o Supereu, com seus ideais culturais - e todo o seu aspecto repressivo - não estaria desempenhando um importante papel nesse processo ?

Este tema é extremamente rico e torna-se necessário fazer uma interrupção. Contudo, não se pode deixar de considerar que a criação é um destino sublimatório da pulsão que visa a reconstruir aspectos da realidade que lhe provocam desprazer. Na infância, além do desejo de se tornar adulto e da brincadeira infantil ser o material primário das criações futuras, e também de constituir-se como um fenômeno pelo qual a repetição comparece na construção do psiquismo, em sua forma lúdica e não patológica, há mais a dizer. Há que se apontar que o caminho da brincadeira é muito mais amplo do que pode conceber Freud. O brincar começa muito antes do Fort-Da; ele tem início desde o nascimento, quando o bebê, na sua relação com o ambiente, passa a construir a realidade. Ele pode ser compreendido como agente de saúde e criatividade e serve como uma referência para aquilo que se constitui na base do psiquismo, tal qual descrito por Donald Winnicott. O brincar permite um encontro único entre duas pessoas e, se acredita que, por meio desse protótipo infantil, as aproximações desses Eus inconscientes dos

adultos se verificam. Os sujeitos se aproximam e se distanciam pela forma como o brincar primitivo se institui dentro da cada um. Trata-se do infantil do adulto.<sup>216</sup>

### **Fantasia como consolo**<sup>217</sup>

#### Os devaneios ou sonhos diurnos

As fantasias, o tempo e a realidade são elementos essenciais para a constituição dos devaneios. Pode-se criar uma metáfora para designar os devaneios como uma reserva de esperança em busca de uma ilusão de felicidade que o sujeito constrói para poder suportar as frustrações e as privações impostas pela realidade. E essa possibilidade é viável por meio do próprio funcionamento do psiquismo, que cria estas fantasias como uma defesa vital e plena de sentido para justificar o viver. Dir-se-ia que os devaneios são o lugar onde repousa a tão aspirada felicidade. Ao leitor desta tese, talvez, sobrevenha uma crítica por parecer muito romântica essa definição de devaneios. Mas não há como negar serem eles que diante de situações aflitivas e cruéis produzidas por certas realidades criam um canal de escoadouro para o sofrimento pela via da ilusão de um sonho de realização de desejo; de um sonhar acordado, um sonho diurno.

---

<sup>216</sup> NAT: Na medida em que se introduziu Winnicott neste fragmento da análise do brincar, ressalta-se, também, a visão de Jacques Lacan de que esse encontro é sempre um desencontro e que a fantasia se constitui não por uma continuidade, mas sim pela descontinuidade.

<sup>217</sup> NAT: *Consolo* é aqui utilizado como um termo como alívio que se dá à aflição, à dor, ao descontentamento (Almoyna, J. M. s/data).

A obra de arte é capaz de produzir estratégias que levam o sujeito a se deparar e a se surpreender com seus próprios devaneios. Assim, um exemplo que serve de metáfora pode ser encontrado no filme primoroso "O Labirinto do Fauno" (2006)<sup>218</sup>, cujo diretor envolve o espectador de tal forma, que a tênue fronteira entre a realidade e a fantasia se colocam como uma experiência produzida pelo roteiro: não se sabe se o que se vê é realidade ou fantasia. Tal experiência é produzida pelo olhar da personagem de uma jovem menina que com seus devaneios, quase delírios alucinatórios, busca encontrar uma saída em suas ilusões para a realidade cruel que a cerca. Em meio à guerra civil espanhola, o espectador depara-se com cenas do que há de mais cruel e mais sublime, revelando a possibilidade da convivência de tal paradoxo. O que é mais sutil é a ilusão de ser envolvido na dúvida que a trama revela, produzida pelos devaneios ou delírios alucinatórios que a personagem vivencia em sua busca daquilo que representa sua felicidade. É nesse lugar que a obra de arte toca o intocável do inconsciente, produzindo um encontro com o que está silenciado ou obscurecido, mas não ausente, que é o encontro com o próprio devaneio do espectador.

Freud aborda os devaneios ao longo de sua obra. Em princípio os devaneios são produções derivadas do brincar infantil que é substituído no desenvolvimento do sujeito por essa específica capacidade de fantasiar. Aqui se torna muito importante a distinção entre o "brincar" e a "realidade". O artista trata sua arte da mesma forma com que a criança trata o brincar. O mundo imaginário dos escritores é um fantasiar que eles levam a sério, mas o distinguem do real. Os devaneios são processos da imaginação que surgem no período anterior à puberdade para substituir como fantasias conscientes e pré-

---

<sup>218</sup>NAT: Filme espanhol do diretor Guillermo Del Toro, "El Labirinto del Fauno"

coscientes o objeto real do brincar. O que era brincar transforma-se em devaneio. E como o brincar era uma expressão aberta e exposta da fantasia infantil, torna-se um segredo da consciência ou pré-consciente, mas também pode constituir-se como fantasia inconsciente, por meio do recalque, fornecendo o material necessário para a construção dos sonhos noturnos. Distinguem-se, assim, os sonhos noturnos dos sonhos diurnos.

Os devaneios, esses sonhos diurnos, são produções imaginárias nas quais os sujeitos realizam seus desejos, o que é bem familiar a todos os humanos. Eles se modificam com as diversas fases da vida. O que um jovem constrói para si é muito diferente do que uma pessoa mais velha é capaz de sonhar acordado. Nos devaneios juvenis, há todo um mundo a ser descoberto e construído e que, no trânsito para outras fases da vida adulta, eles necessitam ser ressignificados para constituírem-se com novos significados. O tempo cumpre um papel importante na dinâmica dos devaneios.

Por outro lado, certos sujeitos podem fixar-se de tal forma em seus devaneios criando uma realidade totalmente particular, um mundo imaginário tão cristalizado que acabam por transformá-los em sintomas (ou inibições, conforme a interpretação do leitor). Na sua dimensão dinâmica, o devaneio é uma produção do fantasiar que se vincula ao princípio do prazer diferenciando-se do princípio da realidade. E, assim como um devaneio pode produzir material para a produção criativa em todos os sentidos, também pode se manifestar como uma expressão de resistência ao princípio de realidade. Essa capacidade de buscar vincular o princípio do prazer ao da realidade é que pode produzir a sua transformação em criatividade.



### Sobre a pergunta e o pressuposto

*"Tudo aquilo que é ridículo no homem é uma força no palhaço"<sup>219</sup>*

A vida tem sentido sem a capacidade de fantasiar? É a capacidade de criar que dá sentido à vida ?

Essas duas perguntas, presentes ao longo desta tese, no pensamento de seu autor, podem ser verificadas ao longo de todo o texto com um sentido bem preciso : a vida, em si mesma, é uma criação. Um mistério que nos ronda e do qual tenta-se encontrar as mais diversas explicações para compreendê-la. Para poder se defrontar com essa realidade ameaçadora, cria-se o pensar sobre o real, que é constituído em sua origem pela fantasia; o pensar sobre o real que não é consciente e é constituído por fantasias e aquilo que escapa a esse sentido que é o próprio real.

A função da fantasia é a de dar suporte aos processos psíquicos conscientes e inconscientes tentando conciliar os inevitáveis conflitos de maior ou menor intensidade, com os quais tem de conviver. O destino é o de criar uma realidade psíquica, ou seja, uma recriação, cuja função é obter maior gratificação para si mesmo e que emerge como um sentido da vida. A fantasia, como um guia, simula a promessa da felicidade, ideal inatingível, mas cujo direito todos devem ter para poder suportar as exigências do

---

<sup>219</sup> NAT: Frase expressa por um dos componentes da equipe dos "Doutores da Alegria" no filme documentário com o mesmo nome.

presente. Ou como Freud afirmaria "no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva" (EA1916-17/2005:336).

Até que ponto um sujeito pode ser capaz de suportar as dificuldades impostas pela vida sem a capacidade de fantasiar? Há realidades sociais extremamente cruéis com as quais convive-se diariamente ao nosso redor, quer próximas da residência, quer de outros continentes. Diante de certas experiências de vida tão aterradoras ao seu redor, como certas crianças poderiam sobreviver sem a capacidade de criar seus devaneios e neles encontrar um lugar seguro, um escoadouro para sua pulsão de vida e mesmo suas pulsões de destruição? O devaneio cumpre uma função vital para tornar realizável o irrealizável, para suportar o insuportável e ajudar ao indivíduo enfrentar os horrores a que está submetido.

Refletindo sobre as diversas funções da fantasia fica a impressão de que esta pesquisa parece não ter fim. Algo deixou de ser dito, até porque não se pode dizer tudo. Se é que existe esse tudo. Alguns pensamentos não puderam ser expressos. Privilegiam-se alguns em detrimento de outros. Parte-se de um processo, um recorte, um olhar, um foco sobre um fragmento desse todo complexo que constitui a experiência humana que, no presente caso, é a fantasia. Hipóteses (freudianas), especulações, refutações e afirmações se alternam nesse estudo, cuja melhor direção é apontada pelo próprio Freud no caso de Hanns e que está presente na epígrafe desta tese.

"Quanto ao resto, nosso jovem investigador simplesmente chegou um pouco cedo à descoberta de que todo conhecimento é um monte de retalhos, e que cada passo à frente deixa atrás um resíduo não resolvido"<sup>220</sup> (1909/2005:94).

Repensando as definições de fantasia na introdução desta tese, deve-se reconhecer uma certa coerência naqueles que julgam ser impossível conciliar Freud, Klein, Winnicott e Lacan. Mas, talvez estas opiniões estejam mais marcadas pelas contradições presentes na lógica da teoria do que propriamente na constituição do inconsciente que é capaz de absorver todas as contradições. Na prática clínica, a teoria dos quatro autores citados se complementam como possibilidades diferenciadas para atuar com a multiplicidade de sintomas e singularidades de cada sujeito (criança, adolescente e adultos), famílias e instituições. Nesse sentido, as contradições muitas vezes desaparecem ou parecem se anular, até mesmo porque a verdade absoluta sobre a vida psíquica ainda é um enigma. Quando Melanie Klein propõe que se interprete para uma criança o que ela não consegue perceber, isso pode ter um efeito surpreendente para o processo terapêutico; por outro lado, outras crianças podem usufruir melhores resultados quando o analista não interpreta e interage na brincadeira, a partir do canal acessível à comunicação - sem necessitar interpretar - tal como Winnicott propõe, apenas estabelecendo um vínculo. Outros, mais ainda, podem ser realizados por meio da análise do pai ou de ambos (pai e mãe) que, por uma via indireta, produzem uma dissolução dos sintomas infantis. Mais ainda, a necessidade de afirmar um lugar paterno de proteção e limite com interdição bem precisa funciona para inúmeros casos de crianças sem continente simbólico e imersas numa condição imaginária recorrente a si mesma.

---

<sup>220</sup> NAT: O enigma a ser decifrado por cada sujeito: *Eu não sou testemunha da minha origem. Só sei sobre mim por meio dos outros.* A investigação de si sempre encontra um ponto de fracasso, restando reconhecer-se na ficção que os outros constroem sobre o próprio sujeito.

Como é válida a afirmação de Charcot: a teoria na prática é outra.

A posição da fantasia na vida psíquica, apesar da contribuição de Freud e outros autores, continua como um desafio contemporâneo. Quanto a essas outras possíveis origens e funções da fantasia na psicanálise, estas devem ser discutidas nas obras de Klein, Lacan e Winnicott, entre outros. Particularmente, textos desses três autores foram estudados, embora não citados de forma a estabelecer um diálogo. Alguns comentadores também foram estudados apesar de suas contribuições sobre a fantasia não comparecerem diretamente nesta presente pesquisa. Dentre eles, destacam-se Laplanche & Pontalis, Susan Isaacs, Cornelius Castoriadis e Ricardo Salztrager. Admite-se que a obra freudiana ocupou todo o tempo disponível para esta pesquisa, não tendo sido possível estabelecer importantes diálogos entre esses outros autores e os comentadores. Considera-se original a abordagem e a classificação proposta nesta tese. Espera-se encontrar críticas e refutações ao que foi proposto. Sem discussões, todo conhecimento fica empobrecido e perde a força que renova o prazer de investigar os mistérios. Como merece funcionar uma apaixonada pulsão epistemofílica.

Sugere-se que investigações posteriores possam estabelecer mais diálogos entre os autores citados e as questões contemporâneas que demandam produzir maior conhecimento sobre o tema apresentado.

## **Considerações Finais**

Como apresentado na introdução dessa tese, o uso do conceito de fantasia pelos autores mais clássicos em psicanálise é muito amplo, impreciso e muitas vezes contraditório. Com o objetivo de situá-lo dentro do campo freudiano espera-se ter atingido esse propósito ao buscar dialogar com os textos de Sigmund Freud procurando revelar o que indica os múltiplos usos dessa função imaginária na constituição do psiquismo humano.

A investigação teve lugar em toda a obra do autor e necessariamente optou-se por selecionar uma linha de pensamento que se aproximasse do olhar desse pesquisador.

Outros estudiosos, sob diversos focos e priorizando diferentes textos podem chegar a novas conclusões diante desse complexo fenômeno da fantasia e a enigmática compreensão do papel por ela desempenhado na construção do sentido da vida.

Esse estudo sobre a fantasia na psicanálise com autores de dentro do seu próprio campo e de outras áreas que buscam estabelecer essa interlocução merecem uma investigação cuidadosa, para que se possa compreender esse fenômeno não com a pretensão de apreendê-lo em sua totalidade, mas em sua complexidade. Essa proposta de ampliar os diálogos sobre a fantasia, dentro e fora da psicanálise, constitui-se como o objetivo futuro desse autor e fica como uma sugestão para outros que, por este tema, venham a se sensibilizar ou por ele serem tocados no intocável.

Do ponto de vista pessoal, este investigador tem a declarar que a pesquisa sobre a origem, a função e o destino da fantasia produziu um efeito transformador, tanto sob a ótica subjetiva quanto ao seu olhar sobre a clínica e a sociedade. A oportunidade de ler Freud acompanhando historicamente a construção de seu pensamento produziu um efeito bem diferente do que tê-lo estudado durante a vida e, mais precisamente, no percurso da formação psicanalítica. A impressão deixada por seu estilo reflexivo, despojadamente audacioso e desconstrutor da onipotência que caracteriza as defesas imaginárias que sustentam muitas teorias e seus seguidores, revela a força de um mestre que afeta uma importante corrente do pensamento contemporâneo.

Se a psicanálise encontra-se em final de carreira como apregoam muitos clínicos e não clínicos, pode ser compreendida pela impressão imaginária da ideologia globalizante que, em vez de valorizar as subjetividades acirra as individualidades. A psicanálise se opõe a isso. A pressão da "doença nervosa moderna" de impor sua norma irrompe, com o efeito de um trauma, nas mentes desprovidas de subjetividades e produzem o desaparecimento daquilo a que o sujeito tem de mais precioso: a sua capacidade de desejar e, conseqüentemente, de fantasiar. . Sob o império do gozo, todas as soluções têm de ser imediatizadas, todas as oportunidades têm de ser aproveitadas, o fantasma da sociedade em que vivemos inscreve-se no sintoma como um produtor de fixações, de gozo. Sob seu imperativo perverso evoca os impulsos mais sádicos e masoquistas que contaminam as relações humanas numa dinâmica que envolve alto grau de competitividade e padecimento do Eu. Mas, Eros e pulsões destrutivas podem ter rumos diferentes. Se durante a primeira e a segunda guerra mundiais pode-se produzir tantas idéias pelas brechas deixadas pela destruição tais como as reveladas por Freud e

Winnicott, por exemplo, é possível que esta luta mantenha-se durante muito tempo. O grande perigo é o descrito ao final do segundo capítulo na reflexão de Freud sobre o perigo que ameaça a espécie humana diante de alterações radicais do meio ambiente externo. A própria agressividade sádica da civilização, defusionada de Eros, cujo propósito é a obtenção do prazer sob qualquer preço, destruindo o equilíbrio ambiental em função de lucros e poder, passa a ser um grande perigo que ameaça todos nós e, em especial, as futuras gerações.

Por outro lado, Eros continua seu trabalho de unir, atar, envolver e proteger, construindo, por meio de outras fantasias ainda submetidas ao domínio do prazer e da conservação, os caminhos que podem conduzir a manutenção da vida. São também muitos aqueles que agem no mundo regidos sobre o domínio do prazer e cuja dedicação se dirige a preservar e a criar.

Assim, a fantasia protege o sujeito do real; dessa insuportabilidade traumática que nos impõe o gozo desde o nascimento. Masoquismo primário, como afirma Freud. Quanto aos psicanalistas, também sujeitos às intempéries da sociedade como membros da comunidade humana, pode-se interrogar se a "crise" da psicanálise não é produzida pelo efeito que o sintoma inscrito no gozo não os afeta, remetendo-os a pensar a atuação clínica como submetida às regras do mercado. A grande possibilidade de transgressão da psicanálise é a pulsão pelo seu caráter indomável, incessante e insistente. Se ela vai servir ao gozo que as normas do mundo externo impõe e utilizar meios que reproduzam uma adaptação do indivíduo, corre o risco de se constituir numa psicologia do Eu. Não se pretende desvalorizar a função e a importância da psicologia do Eu, muito

ao contrário, se reconhece como de grande importância seus efeitos terapêuticos, sua ação clínica e social, mas devemos situá-la na economia pulsional contemporânea, como diferente da proposta psicanalítica, mesmo que seja necessário utilizá-la como instrumento auxiliar terapêutico.

Acredita-se que o desafio atual do analista é ter compreensão e força para poder se confrontar com seu desejo e encontrar uma forma de se relacionar com as normas morais do gozo vigente, que é um princípio de realidade. Negá-lo, seria equivalente a sucumbir. A análise só é possível se o analista exercê-la com seu próprio estilo. Para isso, entretanto, deve abrir mão da fantasia que sustenta o sintoma de seu gozo para aquela que constitui o seu desejo. A grande transgressão contemporânea não é gozar, mas sim desejar. E recobertos pela fantasia, criar por meio do princípio do prazer os caminhos que a invenção de si e do mundo possam ser capazes de produzir.

A fantasia, como sentido da vida, pode estar a serviço do gozo ou do desejo. Ambas cobram um preço e servem a seu dono com dúvidas existenciais radicais. O princípio do prazer também nos impõe a aprender a transitar nesse complexo território da ideologia individualista. Essa escolha, cada um tem de assumir por si mesmo: qual papel pretende desempenhar na vida. Se bem que "querer" nem sempre é sinônimo de conseguir. E disso, alguns psicanalistas bem compreendem. E, para ir mais além, conseguir nem sempre é sinônimo de satisfação.

Ao fim desta pesquisa, julga-se necessário buscar-se nas palavras do poeta que Freud mais evoca (cuja citação, curiosamente, não aparece ao longo de sua obra) uma síntese



do que a psicanálise tenta explicar em muitos artigos, quiçá, em milhares de palavras ao longo de seu percurso. E que um escritor criativo pode revelar em poucas palavras:

"Só agora percebo: ao homem, neste mundo, nada é perfeito...Atiça no meu peito um fogo tenebroso a todo ensejo. Assim, oscilo Eu<sup>221</sup> entre o desejo e o gozo. E no gozo me inflamo, ou abraso no desejo" ( J.W.Goethe)<sup>222</sup>.

---

<sup>221</sup> NAT : O *Eu* maiúsculo é uma licenciosidade deste pesquisador.

<sup>222</sup> J.W.Goethe, *in Fausto* (1892/1976:170).

## REFERÊNCIAS

- ABRAN, J. - *A Linguagem de Winnicott - Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Revinter, 2000.
- ALMOYNA, J.M. - *Dicionário de espanhol-português. 2ª edição. Porto, Porto Editora (sem data)*
- ARIZONA UNIVERSITY. *Consciousness research abstracts. toward a science of consciousness 2006*. Arizona, Journal of Consciousness Studies, 2006.
- BERGÉS, J. & BALBO, G. *A Criança e a psicanálise. Ensaio sobre o transitivismo*. Artes Médicas, Porto Alegre. CMC Editora, Porto Alegre, 2002.
- *Jogo de posições da mãe e da criança. Ensaio sobre o transitivismo*. CMC Editora, Porto Alegre, 2002.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Paz e Terra, São Paulo, 2002.
- CARVALHO, M.T. de M. *A psicanálise diante da "Síndrome da Falsa Memória", in Psicanálise e Universidade: Temas Conexos*. MARZAGÃO L., PINTO J., RIBEIRO P., SCHWARTZMAN, R. (ORGS). Passos Editora, Belo Horizonte, 1999.
- CASTORIADIS, C *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Paz e Terra. São Paulo, 2000.
- CHARCOT, Jean-Martin. *Grande histeria*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.
- DARWIN, C. *A expressão das emoções nos homens e nos animais (1872)*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.
- FERREIRA, Aurélio B H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro,
- FERREIRA, C.A.de M. *A contribuição da atividade lúdica na construção do pensamento e da linguagem numa perspectiva sócio-histórica in FERREIRA, C. A. de M. - Psicomotricidade da educação infantil a gerontologia*. São Paulo, Editora Lovise, 2000.
- *O papel do lúdico na construção das funções psíquicas superiores em crianças institucionalizadas e não institucionalizadas sob uma perspectiva Vygotskiana (dissertação de mestrado)* Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro- 2002.

FREUD, S. *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume I. 2005.

*Fragmentos de la correspondencia con Fliess:*

*Manuscrito G. Melancolia* (1895)

*Carta 46.* (1896a).

*Carta 52.* (1896b).

*Carta 56.* (1897a)

*Carta 59.* (1897b).

*Carta 61.* (1897c).

*Manuscrito L.* (1897d).

*Carta 67.* (1897e).

*Carta 69.* (1897 f).

*Carta 71.* (1897g).

*Carta 84* ( 1898).

*Carta 105* (1899).

*Histeria* (1888)

*Prólogo a la traducción de J.M. Charcot, Leçons sur les maladies du système nerveux* (1886)

*Bosquejos de la "Comunicación preliminar" de 1983* (1940-41 [1892])

*Algunas consideraciones con miras a um estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas* (1893[1888-93])

*Informes sobre mis estudios em Paris y Berlim* (1956[1889])

*Proyecto de psicología:* (1950[1895])

*Parte II: Psicopatología*

—————*Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume III. 2005.

*Sobre el mecanismo psíquico dos fenómenos histéricos* (1893)

*La etiología de la histeria*

—————*Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume IV. 2005.

*La interpretación de los sueños:* (1900 [1899])

*Lo infantil y las fuentes del sueño*

*Los medios de figuración del sueño*

- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume V. 2005.  
*La interpretación de los sueños (continuación): (1900 [1899])*  
*El trabajo del sueño*  
*Sobre la psicología de los procesos oníricos*
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume VI. 2005  
*Psicopatología de la vida cotidiana. (1901)*
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume VIII. 2005  
*El chiste y su relación con lo inconsciente (1905)*
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume IX. 2005  
*El criador literario y el fantaseo (1908 [1907])*  
*La novela familiar de los neuróticos (1909 [1908])*  
*La indagatoria forense y el psicoanálisis (1906)*  
*El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen (1907 [1906])*  
*Carácter y erotismo anal (1908),*  
*Apreciaciones generales sobre el ataque histérico (1909[1908])*  
*La fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad (1908)*  
*Acciones obsesivas y prácticas religiosas (1907)*  
*El esclarecimiento sexual del niño (1907)*  
*Sobre las teorías sexuales infantiles (1908)*  
*La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna (1908)*
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume X. 2005  
*Análisis de la fobia de un niño de cinco años (1909)*  
*A propósito de un caso de Neurosis Obsesiva (1909)*
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XI. 2005  
*Cinco conferencias sobre psicoanálisis (1910 [1909])*  
*Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci (1910)*  
*Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas (1910)*

*La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis (1910)*

*Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre (Contribuciones a la psicología del amor, I) (1910)*

*Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II) (1912)*

*El tabú de la virgindad (Contribuciones a la psicología del amor, III)( 1918[ 1917])*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XII. 2005

*Sobre la iniciación del tratamiento (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, I) (1913)*

*Recordar, repetir y reelaborar (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II) (1914)*

*Prólogo a la traducción al alemán de J. G. Bourk, Scatologic Rites of All Nations*

*La predisposición a la neurosis obsesiva. Contribución al problema de la elección de neurosis (1913)*

*Dos mentiras infantiles (1913)*

*Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia Paranoides) descrito autobiográficamente (1911);*

*Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico (1911)*

*Sobre los tipos de contracción de neurosis (1912)*

*Contribuciones para un debate sobre el onanismo (1912);*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XIII. 2005

*Totem y tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos (1913 [1912-13])*

*El Moisés de Miguel Angel (1914)*

*El interes del psicoanálisis*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XIV. 2005

*Trabajos sobre metapsicología (1915)*

*Duelo e melancolia (1917 [1915])*

*Un caso de paranóia que contradice a teoria psicoanalítica (1915)*

*Paralelo mitológico de una representación obsesiva plástica (1916)*

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XV. 2005

*Conferencias de introducción al psicoanálisis: Parte II, El sueño (1916/1917).*

*Dificultades y primeras aproximaciones*

*10°. Conferencia : El simbolismo en el sueño*

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XVI. 2005

*Conferencias de introducción al psicoanálisis: Parte III, Doctrina general de las neurosis (1916/1917).*

*23°. Conferencia: los caminos de la formación de síntoma*

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XVII. 2005

*De la historia de una neurosis infantil (1918 [1914])*

*Lo ominoso (1919)*

*"Pegan a un niño ", Contribución al conocimiento de la gènesis de las perversiones sexuales (1919)*

*Escritos breves (1919)*

*Un recuerdo de Infancia em Poesya Yverdad (1917)*

*Informe sobre la electroterapia de los neuróticos de guerra (1955 [1920])*

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XVIII. 2005

*Más allá del principio de placer (1920)*

*Psicología de las massas y análisis del yo (1921)*

*Sobre la psicogènesis de um caso de homossexualidad femenina (1920)*

*Dos artículos de enciclopédia: "Psicoanálisis" y "Teoria de la libido" (1923 [1922])*

*Sobre algunos mecanismos euróticos en los celos, la paranóia y la homossexualidad (1922 [1921])*

*Psicoanálisis y telepatía " (1941 [1921])*

*Suemos y telepatía" (1922)*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XIX. 2005

*Breve informe sobre el psicoanálisis (1924 {1923})*

*La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis*

*Elyoyelello(1923)*

*El sepultamiento del complejo de Edipo (1924)*

*El problema económico del masoquismo (1924)*

*Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos (1925)*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XX. 2005

*Inhibición, síntoma y angustia (1926)*

*¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial (1926)*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XXI. 2005

*Dostoievsky y el parricidio*

*Sobre la sexualidad femenina*

*El malestar en la cultura*

*Fetichismo (1927)*

*El porvenir de una ilusión (1927)*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XXII. 2005

*Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933 [1932])*

29°. Conferencia: *Revisión de la doctrina de los sueños.*

31°. Conferencia: *La descomposición de la personalidad psíquica*

32°. Conferencia: *Angustia y vida pulsional*

33°. Conferencia: *la femineidad*

*¿Por qué la guerra? (Einstein y Freud) (1933[1932])*

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XXIII. 2005

*Moisés y la religión monoteísta (1939)*

*Esquema del psicoanálisis (1940 [1938])*

*Conclusiones, ideas, problemas (1937[1938])*

FREUD, S. *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume I, 1996.

*Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: (1950 [1892-99])*

*Rascunho G. A Melancolia (1895)*

*Carta 46. (1896a).*

*Carta 52. (1896b).*

*Carta 56. (1897a)*

*Carta 59. (1897b).*

*Carta 61. (1897c).*

*Rascunho L. (1897d).*

*Carta 67. (1897e).*

*Carta 69. (1897 f).*

*Carta 71. (1897g).*

*Carta 84 ( 1898).*

*Carta 105 (1899).*

*Histeria (1888)*

*Prefácio e notas de rodapé à tradução de Leçons du Mardi, de Charcot (1886)*

*Esboços para a "Comunicação Preliminar" de 1983(1940-41 [1892])*

*Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas (1893[1888-93])*

*Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1956[1889])*

*Projeto para uma psicologia científica: (1950[1895])*

*Parte II: Psicopatologia*

—————*Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume III, 1996.

*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893)*

*A etiologia da histeria(1897)*

—————*Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume IV, 1996.

*Interpretação dos sonhos: (1900 [1899])*



*O material infantil e as fontes dos sonhos*

*Os meios de representação nos sonhos*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume V, 1996.

*Interpretação dos sonhos (continuação): (1900 [1899])*

*A elaboração dos sonhos (D a I)*

*A psicologia dos processos oníricos*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume VI, 1996.

*A psicopatologia da vida cotidiana (1901)*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume VIII, 1996.

*O chiste e as suas relações com o inconsciente (1905)*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume IX, 1996.

*Escritores criativos e devaneios (1908)*

*Romances familiares (1909 [1908])*

*A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos (1906)*

*Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907 [1906])*

*Caráter e erotismo anal (1908)*

*Algumas observações gerais sobre ataques histéricos (1909[1908])*

*Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade (1908)*

*Atos obsessivos e práticas religiosas (1907)*

*O esclarecimento sexual das crianças (1907)*

*Sobre as teorias sexuais da crianças (1908)*

*Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna (1908)*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume X, 1996.

*Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)*

*Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909)*

————- *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XI, 1996.

*Cinco lições de psicanálise (191[1909])*

*Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910)*

*A significação antitética das palavras primitivas (1910)*

*A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910)*

*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)(1910)*

*Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)(1912)*

*O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III)(1918 [1917])*

————- *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XII, 1996.

*Sobre o início do tratamento. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1914)*

*Recordar, repetir e elaborar. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914).*

*Prefácio a Scatologic Rites os All Nations, de Bourke (1913)*

*A disposição à neurose obsessiva (1913)*

*Duas mentiras contadas por crianças (1913)*

*Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides) (1911)*

*Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911)*

*Tipos de desencadeamento da neurose (1912)*

*(Contribuições para um debate sobre a masturbação) (1912);*

*D- O interesse da psicanálise de um ponto de vista de desenvolvimento*

————- *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XIII, 1996.

*Totem e tabu (1913 [1912-13])*

*O interesse científico da psicanálise (1913)*

*O Moisés de Michelangelo (1914)*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XIV, 1996.

*Artigos sobre a metapsicologia (1915)*

*Luto e melancolia (1917 [1915])*

*Um Caso de Paranóia que Contraria a Teoria psicanalítica da Doença (1915)*

*Um Paralelo Mitológico com Uma Obsessão Visual (1915)*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XV, 1996.

*Conferências introdutórias sobre psicanálise: Parte II. Sonhos (1916[1915-17]).*

*Dificuldades e abordagens iniciais*

*O simbolismo no sonho*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XVI, 1996.

*Conferências introdutórias sobre psicanálise: Parte III. Teoria geral das neuroses (1917[1916-17]).*

*Conferência XXIII: O caminho da formação dos sintomas*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XVII, 1996.

*História de uma neurose infantil (1918 [1914])*

*O "estranho" (1919)*

*Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919)*

*Breves escritos (1919)*

*Uma recordação da infância de Dichtung Und Wahrheit (1917)*

*Introdução a A psicanálise e as neuroses de guerra (1919)*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XVIII, 1996.

*Além do princípio do prazer (1920)*

*Psicologia de grupo e a análise do ego (1921)*

*A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920)*

*Dois verbetes de enciclopédia (1923[1922])*

*Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo (1922)*

*Psicanálise e telepatia (1941 [1921])*

*Sonhos e telepatia (1922)*

---

*Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XIX, 1996.*

*Uma breve descrição da psicanálise (1924 [1923])*

*A Perda da realidade na neurose e na psicose (1924)*

*O Ego e o id (1923)*

*A dissolução do complexo de Édipo (1924)*

*O problema econômico do masoquismo (1924)*

*Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925[1924])*

---

*Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XX, 1996.*

*Inibições, sintomas e angústias (1925[1927])*

*A questão da análise leiga (1926)*

---

*Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XXI, 1996.*

*Dostoievsky e o parricídio (1928 [1927])*

*Sexualidade feminina (1930 [1929])*

*O mal-estar na civilização (1930 [1929])*

*Fetichismo (1927)*

*O futuro de uma ilusão (1927)*

---

*Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XXII, 1996*

*Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932])*

*Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos*

*Conferência XXXI: A Dissecção da Personalidade Psíquica*

*Conferência XXXII: Ansiedade e Vida Instintual*

*Conferência XXXIII: Feminilidade*

*Por que a Guerra? (1933 [1932])*

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume XXIII, 1996

*Moisés e o monoteísmo (1939),*

*Esboço de psicanálise (1940/1938),*

*Achados, idéias, problemas (1937/1938)*

*Construções em Análise (1937)*

FREUD, S. & FERENCZI, S. - *Correspondência entre Sigmund Freud & Sándor Ferenczi 1908-1911*. Rio de Janeiro. Imago, 1994.

GOETHE, J.W. - *Fausto*. São Paulo, Editora Abril, 1892/1976

HANNS, LUIZ A. *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Volume I*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2004.

*Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquica (1911)*

————— *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Volume II*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2006.

*Além do princípio do prazer (1920)*

————— *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Volume III*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2007.

*OEueId*

*O problema econômico do masoquismo*

————— *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.

HUIZINGA, J. *homo ludens, o jogo como elemento da cultura*, Editora Perspectiva, SP, 2001

ISAACS, S *A natureza e a função da fantasia in Os progressos da psicanálise (KLEIN, M & H. HEIMANN, P7 & RIVIERE, J.)* Rio de Janeiro, LTC Editora S.A., (1952) 1982.

KAUFMANN, Pierre *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1967/1983.  
 ————*Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro , Jorge Zahar Editor, 1988.
- LAROUSSE - *Dictionnaire Europa Français/Portugais*. Alemanha, Langenscheidt KG, 1987.
- LAROUSSE - *Dicionário Espanhol/Português*. Larousse do Brasil, 2005.
- LEO, Ein Online - *Leo Dictionary Team*. <http://dict.leo.org>. 2006/2007
- SOUZA, O. *Defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicot (artigo)* in BEZERRA, B. & ORTEGA, F. *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2007.
- PLASTINO, C.A. *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2001.
- RITVO, L.B. *A influência de Darwin sobre Freud. Um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- ROSA, E. S. *quando brincar é dizer. A experiência psicanalítica na infância*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1993.
- REICH, Wilhelm *A Função do orgasmo (1942)*. São Paulo, Brasiliense, 1975.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997
- SACHS, O. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu, Imago*, Rio de Janeiro, 1988.  
 ————*Um antropólogo em Marte*. Cia das Letras, São Paulo, 1995.
- SALZTRAGER, R. *Os paradoxos da fantasia*. Dissertação de Mestrado em Teoria Psicanalítica < Rio de Janeiro, 2002.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes, São Paulo, , 1991 (a)  
 ————*Psicologia da arte*, Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. & LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1996
- WINNICOTT, D.W.. *O Brincar e a Realidade*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1975  
 ————*Privação e delinqüência*. Martins Fontes, São Paulo, 1987.